

“PRÉDIO QUADRADO, CHEIO DE TÉDIO E DESESPERO”: SOCIEDADE E IDENTIDADE EM SERIADOS DE TEEN DRAMA

“BIG SQUARE BUILDING, FILLED WITH BOREDOM AND DESPAIR”: SCHOOL LIFE IN TEEN DRAMA SERIES

“EDIFICIO CUADRADO, REPLETO DE ABURRIMIENTO Y DESESPERACIÓN”: LA VIDA ESCOLAR EN LAS SERIES DE TEEN DRAMA

96



Lúcia Loner Coutinho

■ Doutora em comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Seus trabalhos mais importantes são: COUTINHO, Lúcia Loner; HENRIQUES, S. M. G. (Orgs.)

Comunicação e sociedade tecnológica. Porto Alegre: Edipucrs, 2013, v.1. p.317. COUTINHO, Lúcia Loner É simplesmente diferente para meninas: Amor e sexo em seriados de teen drama. REVISTA ECO-PÓS (ONLINE), v.20, p.352 - , 2017.

■ E-mail: [lucialoner@gmail](mailto:lucialoner@gmail.com)

RESUMO

Tendo em vista a proeminência que as séries de TV tomaram na cultura midiática nos últimos anos, fazemos neste trabalho uma análise da identidade juvenil em séries de drama adolescente (*teen drama*), em um dos principais espaços em que estas narrativas se desenvolvem, a escola. Através do enfoque de Kellner (2001) para a análise da cultura da mídia e utilizando autores que dissertam sobre identidades culturais, como Hall (2011) e Woodward (2011), abordamos este ambiente escolar na formação e apresentação de identidade e diferença nos textos selecionados. A partir disto vemos que estas séries trazem categorias, interligadas: a relação entre os alunos e a escola como instituição de ensino, proporcionando análise da relação de autoritarismo e o sistema educacional; e as relações entre os alunos protagonistas e o restante do corpo discente, que possibilita reflexões a respeito e integração, *status* e também *bullying*.

PALAVRAS-CHAVE: SÉRIES TELEVISIVAS; CULTURA DA MÍDIA; IDENTIDADE.

ABSTRACT

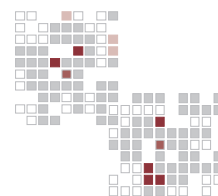
Given the prominence that TV series have taken in media culture in recent years, this paper analyzes the youth identity in teen drama series, in one of the main spaces in which these narratives develop, the school. Through Kellner's (2001) approach to the analysis of media culture and using authors who discuss cultural identities, such as Hall (2011) and Woodward (2011), the analysis takes the school environment in the formation and presentation of identity and difference in the selected texts. This approach shows that these series bring interconnected categories: the relationship between the students and the school as a teaching institution, providing analysis of the relationship of authoritarianism and the educational system; and the relationships between the protagonist students and the rest of the student body, which allows reflections on integration and status, as well as bullying.

KEY WORDS: TV SERIES; MEDIA CULTURE; IDENTITY.

RESUMEN

Teniendo en cuenta la prominencia que las series televisivas tomaron dentro de la cultura mediática en los últimos años, hacemos en este trabajo un análisis de la identidad juvenil en series de drama adolescente (*teen drama*), en uno de los principales espacios en que estas narrativas se desarrollan, la escuela. A través del enfoque de Kellner (2001) para el análisis de la cultura de los medios y utilizando autores que discuten sobre identidades culturales, especialmente Hall (2008, 2011) y Woodward (2011), abordamos este ambiente escolar en la formación y presentación de identidad y diferencia en los textos seleccionados. A partir de esto vemos que estas series traen dos elementos, interconectados, pero distintos: la relación entre los alumnos y la escuela como institución de enseñanza, proporcionando cuestiones como el autoritarismo y el sistema educativo; y las relaciones entre los estudiantes protagonistas y los demás estudiantes, posibilitando reflexiones acerca de integración, status y también bullying.

PALABRAS CLAVE: SERIES DE TELEVISIÓN; CULTURA DE LOS MEDIOS; IDENTIDAD.



1. Introdução

A partir da década de 1980, evoluções no contexto tecnológico e cultural da produção de entretenimento nos Estados Unidos influenciaram uma modernização na narrativa serial televisiva, possibilitando a criação de novos gêneros seriados e exploração de novos nichos de mercado (Esquenazi, 2011; Mittell, 2012-2013). Tal cenário, fortemente marcado por mudanças de mercado e avanços tecnológicos, é essencial para o surgimento do que Marcel Vieira Silva chama de Cultura das Séries (2013), um conjunto de características essenciais que trouxeram os seriados televisivos, para um lugar de destaque na cultura midiática mundializada na última década. Os *teen dramas* foram um dos gêneros narrativos formados a partir de tais evoluções na década de 1990, são seriados de cunho dramático e com foco em um grupo de adolescentes, em idade escolar, suas vivências e amadurecimento.

Este trabalho analisa tal gênero seriado como um espelho para a reflexão sobre a identidade juvenil e sua representação a partir de um de seus principais cenários, a escola. Para isso, tomamos como base metodológica as teorias da cultura da mídia, e a análise diagnóstica de Douglas Kellner (2001), que nos propõe analisar os recursos de formação de identidades, e promoção de políticas conservadoras ou progressistas, e as ambiguidades que tais textos midiáticos possam apresentar, a partir de análise empírica e suas correlações contextuais. Observamos, a partir de uma abordagem dos estudos culturais, especialmente Hall (2011) e Woodward (2011), como dentro destas séries o ambiente escolar é apresentado como espaço de formação e apresentação de identidades a partir da diferença.

A mídia, conforme Kellner nos mostra, tornou-se a força cultural dominante na segunda metade do século XX, nos apresentando o quê e como ser no mundo. Para os jovens do século XXI, seu consumo se transformou em uma das

principais fontes de formação de identidade, sem mais identidades pré-fixadas, a identidade jovem é um processo da criação de uma história sobre suas próprias vidas (Ibrahim; Steinberg, 2014).

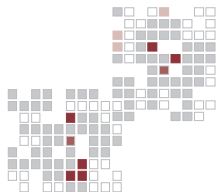
A abordagem narrativa da TV nos permite destacar categorias, interligadas, porém distintas, em que se divide este artigo: a relação entre os alunos e a escola como instituição de ensino, seus professores e diretores, levantando questões como o reconhecimento da autoridade *versus* autoritarismo, ou o sistema educacional; as relações entre os alunos protagonistas e o restante do corpo discente, que possibilita reflexões a respeito de estigma e integração; e por fim a importância que o *bullying* tomou dentro deste nicho midiático e o que dizem sobre a estrutura social e cultura.

Embora este gênero tenha muitos e diferentes exemplos que compõem seu todo, para esta análise extraímos exemplos de cinco seriados de *teen drama*: *Beverly Hills, 90210* (produzido entre 1990-1999, *BH90210*, em diante), *Buffy, the vampire slayer* (1997-2003, *BTVS*), *Dawson's Creek* (1998-2003), *Glee* (2009-2015) e *Pretty Little Liars* (2010-2017, *PLL*). Estas cinco séries cobrem uma linha temporal desde o primeiro programa identificado dentro deste gênero narrativo, bem como exemplos representativos das décadas que se seguiram, assim como proporcionam uma comparação entre produtos midiáticos semelhantes em um mesmo período temporal¹.

1. A escola como instituição

Uma característica importante destas narrativas é seu ponto de vista que privilegia o olhar juvenil dos protagonistas. Assim, a escola é, de forma geral, apresentada como um ambiente injusto, limitante e limitado. Neste sentido, *BTVS* é a série mais rica em apresentar a escola como uma estrutura de cerceamento e policiamento da juventude, com uma crítica à estrutura escolar a

¹ A seleção destas séries foi feita através de critérios metodológicos detalhados no trabalho doutoral que deu origem a esta pesquisa, ver nas referências Coutinho, 2016.



que os jovens são sujeitos. Um exemplo é o diretor da escola onde os protagonistas estudam, um déspota caricatural, que detesta seus alunos e o que a juventude representa. O diretor concretiza uma aparente contradição do sistema educacional: figuras que mostram desdém pelos alunos, porém são responsáveis por educá-los.

Tal contradição não é abordada apenas em *BTVS*, sua contemporânea, *Dawson's Creek* mostra uma visão similar a respeito da escola. De acordo com a série, o sistema escolar baseia-se em injustiças. Assim, o novo diretor do colégio é demitido pelo conselho escolar ao se recusar a dar privilégios a um aluno, por pressão de sua família rica. Esta história mostra o sistema de ensino como uma estrutura que reproduz injustiças sociais de variadas formas e avesso a mudanças.

Outra questão abordada em *Dawson's Creek* é a inadequação da escola frente a alunos com problemas de aprendizado, ao apresentar os confrontos entre um de seus protagonistas e os professores que o tratam como fracassado. No entanto, a narrativa não endereça às contradições do fato que o rapaz, mesmo mostrando cotidianamente desdém por sua educação formal, resente-se da falta de apoio da instituição quando é obrigado a se esforçar nos estudos para se formar. Tal exemplo pode ser lido como uma tentativa falha de crítica que o programa busca apresentar. Porém, a situação pode ser mais bem compreendida se observada a partir da perspectiva adolescente, que contribui para uma percepção de falta de opções e arbitrariedades às quais os adolescentes estão sujeitos.

O principal destaque a esta perspectiva de injustiça é *BH90210*, ao contrário das demais séries analisadas, neste, a escola é vista como um ambiente compreensivo, disposto a ajudar e formar os alunos, não apenas academicamente, mas moralmente. Mesmo os professores que são duros e aparentemente inflexíveis com os alunos, o fazem por motivos nobres. Esta é a exceção, porém, na

percepção geral da escola como uma instituição fundamentalmente injusta, que se forma no final do século XX. Explorando outra característica comum a estas narrativas, é a escola como uma extensão da comunidade, ou sociedade, em que os jovens se inserem. Em *PLL* a instituição escolar costumeiramente reproduz a perseguição e estigma aos quais as protagonistas sofrem no restante da comunidade, relativas à trama de suspense do seriado.

Glee, por sua vez, é entre os seriados analisados, o único a propor de forma mais ampla a discussão sobre o sistema escolar. Em primeiro lugar, é a única a lidar realmente com problemas orçamentários e como o cenário econômico afeta a educação². Em segundo lugar, *Glee* adota uma clara política sobre a importância das artes no currículo escolar. Ainda mais, a narrativa também enfoca membros do corpo docente, abrindo espaço para algumas discussões sobre o papel da escola³. Ainda que algumas questões abordadas em *Glee* apareçam em outros seriados, é esta configuração distinta apontada acima que permite que este programa apresente, um juízo sobre o sistema escolar, ainda que de forma estereotipada e superficial tal qual é característico de sua narrativa.

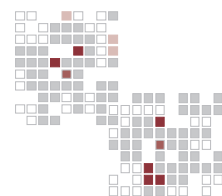
2. A escola como sociedade

Nesta seção, tomamos como foco o relacionamento entre os jovens protagonistas das séries e o restante do corpo escolar.

É importante, porém, destacar a diferença entre a premissa com a qual um seriado diz se comprometer e o que de fato apresenta em seu texto. Por exemplo, embora *BH90210* tenha sido criado sob a problemática do ajuste dos irmãos Brenda

2 O que é pertinente, ao considerarmos que a série se passa durante uma recessão econômica. Tal posição, porém, é inexistente em sua contemporânea *PLL*.

3 Por exemplo, quando um personagem tenta o suicídio, diretor e professores se perguntam se não deveriam ter notado que o rapaz tinha problemas.



e Brandon à rica comunidade de Beverly Hills, e os dois mostrem certa diferença de valores e hábitos em comparação a seus amigos, os jovens que compõem o grupo protagonista do programa aparecem confortavelmente bem integrados a sua comunidade, incluindo os dois irmãos.

A partir da segunda metade dos anos 1990, a separação entre os jovens protagonistas das séries e o restante de seus pares acentua-se além desta ideia pouco desenvolvida, para uma questão de identidade e até orgulho. Em algumas dessas séries, a diferença se dá principalmente pelo estigma, que alguns carregam, no entanto, encontramos também um desejo de integração por parte destes jovens estigmatizados.

Sarcasmo e ironia quanto à sociedade que os cerca, são características de *Dawson's Creek* e *BTVS*. Na primeira, os adolescentes constantemente reiteram críticas aos principais símbolos de integração escolar, já em *BTVS* a protagonista tenta repetidas vezes integrar-se a tal comunidade, porém sua posição na trama sobrenatural do programa a impede de fazê-lo, obrigando-a a resignar-se à sua diferença. Mesmo criticando o sistema de hierarquia escolar e aqueles que se esforçam para ter sucesso dentro dele, *BTVS* possibilita uma ponderação, mostrando como é frágil tal *status* e como ele é fruto de uma sensação de desempoderamento generalizada entre os adolescentes. A interpretação que *BTVS* constrói a respeito da sociedade escolar mostra um grande equalizador: a insatisfação generalizada de seus alunos.

Ainda assim, é comum os *teen dramas*, caracterizarem seus protagonistas como distintos de seus pares. Eles são, portanto, mais sensíveis, conscientes e críticos do que os outros jovens ao seu redor, mesmo que o desejo de integração seja quase sempre mais forte. Em *Glee*, cuja premissa desenrola-se sob o estigma da diferença daqueles que são considerados fracassados pelo sistema escolar e social, a ambígua mensagem que se destaca, não é sobre o fim desta hierarquização, mas sim sobre

a inversão da mesma. Isto é, eles desejam que as características que os fazem aderir a tal estigma sejam valorizadas socialmente, em detrimento de marcadores tradicionais de sucesso para aquela comunidade.

Os protagonistas de *Dawson's Creek* são os únicos a rejeitarem por opção uma integração a tal sistema. Embora em outras séries alguns personagens possam também fazê-lo, em *Dawson's Creek* esta é uma opção e identificação de grupo. O que, no entanto, não significa que o grupo de protagonistas deste programa diferencie-se de forma marcante de seus pares. Exceto pela própria identificação com a alteridade.

3. O desempoderamento juvenil como fonte de violência

O *bullying*, conjunto de formas recorrentes de violências físicas, verbais ou psicológicas com objetivo de intimidar ou humilhar, é uma temática perene no enfoque midiático sobre a adolescência norte-americana. A cultura midiática está cheia de representações do sistema hierárquico nas escolas com suas implicações. A recorrência da tematização, discussão ou mesmo menção do sistema de *status* juvenil – não somente em discussões sobre a adolescência, mas em tantos diferentes produtos midiáticos – mostra a relevância do assunto para a cultura daquele país, dificilmente comparáveis a outras realidades. E que tem sido crescentemente discutida nos *teen dramas*, ao invés de simplesmente mostrada. A hierarquia escolar e sua faceta mais claramente violenta, o *bullying*, é uma das principais temáticas das duas séries mais recentes analisadas (*Glee* e *PLL*).

Milner (2006) argumenta a necessidade de utilizar uma teoria de *status* para compreender antropologicamente a sociedade construída dentro das escolas de ensino médio norte-americanas⁴.

⁴ O autor compara a estrutura hierárquica entre os alunos nas escolas com o sistema indiano de castas.

Para o autor, apesar de possuírem mais autonomia do que crianças, os adolescentes têm pouco poder político, econômico e também em relação a suas próprias vidas. Eles são obrigados a diversas coisas as quais não compreendem o objetivo, recebem ordens e mensagens ambíguas em relação a como ser/agir, e são constantemente vigiados por adultos. O controle de suas próprias avaliações em relação aos outros, de acordo com seus próprios critérios, isto é, o poder de atribuir status, no entanto, é absoluto e desta forma, de acordo com Milner (2006), os adolescentes estabelecem normas complexas e arbitrárias, para fixar hierarquias dentro dos colégios.

Em *BTVS*, o primeiro episódio deixa claro o quanto aparências e brigas por *status* regem a escola. No primeiro dia de aula da protagonista (Buffy), ela conhece Cordelia, que é do grupo de adolescentes populares da escola, e a alerta sobre algumas regras sociais do local: “Primeira regra para se dar bem aqui: saiba quem são os perdedores”. Mais tarde, ao tentar fazer amizade com Willow – que é considerada uma “perdedora” – ouve da própria seu entendimento sobre seu lugar na escola:

WILLOW: Você não estava conversando com a Cordelia?

BUFFY: E não posso conversar com as duas?

*WILLOW: Não legalmente.*⁵

Tal exemplo mostra a compreensão ampla, por parte das jovens da estrutura hierárquica existente naquela escola. Em *BTVS* as normas as quais os alunos se impõem são estritas, e o pertencimento a cada grupo é destacado e óbvio. Willow e Cordelia apontaram à novata o que já era claro aos membros daquela comunidade e que configura um dos principais elementos componentes do *status*, como aponta Milner (2006): a associação social. Associar-se com pessoas de *status*

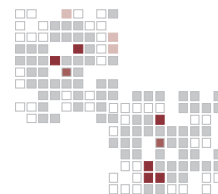
elevado aumenta o *status* do indivíduo, enquanto associar-se a pessoas de baixo *status*, o diminui.

Estar no topo desta hierarquia significa conquistar a admiração dos demais e a segurança de não sofrer *bullying*.

Outro elemento-chave do sistema de *status*, segundo Milner, é sua limitação enquanto “recurso”. Isto é, se o *status* de alguém sobe, o de outra pessoa desce, e o inverso também é verdade. Desta forma, uma pessoa pode subir colocando os outros para baixo, o que cria um ambiente de pequenas e frequentes crueldades, agressões e violência. Esta é uma das implicações do sistema hierárquico mais presente nos *teen dramas*, pois se relaciona diretamente ao *bullying*:

Na competição por status as pessoas (especialmente líderes), frequentemente hesitam entre serem legais e maldosas, dependendo se veem os outros como um aliado ou uma ameaça. Contrariamente, os seguidores são geralmente agradáveis com aqueles acima deles na esperança de serem aceitos como íntimos, e assim aumentarem seu próprio status. Ao mesmo tempo eles frequentemente se ressentem da deferência que precisam demonstrar. Comumente, aqueles de status elevado são assunto de conversa e invejados, mas antipatizados. Do ponto de vista do líder, seguidores de status elevado são essenciais, mas eles apresentam uma ameaça, e de tempos em tempos precisam ser colocados ‘no seu lugar’. Isto, é claro, pode os transformar em inimigos ao contrário de apoiadores. Para complicar ainda mais, se aqueles de status elevado mantiverem os outros a muita distância, correm o risco de serem considerados esnobes. Em suma, status elevado requer a administração cuidadosa de distanciamento social e intimidade. Estas contradições e dilemas frequentemente levam a tratar as pessoas bem em um contexto e mal em outro (Mil-

⁵ 1x01 (temporada 1, episódio 01), *Welcome to the Hellmouth*, Joss Whedon.



ner, 2006, p. 89-90, tradução nossa).

As inter-relações observadas pelo autor e descritas acima sobre o ambiente agressivo que o sistema hierárquico escolar produz, são um resultado largamente atribuído ao contexto social, que pode ser percebido, em diferentes graus, em todas os seriados analisados – embora em *BH90210* e *Dawson's Creek* o *bullying* e o *status* sejam assuntos somente episódicos e pouco aprofundados. Em *BTVS*, a própria Cordelia admite que ser popular não evita que se sinta só, pois a maioria das pessoas apenas se aproxima dela por seu *status*. Em *PLL*, a descrição de Milner acima reflete perfeitamente a situação que se forma entre as protagonistas, em que a líder, atacava não apenas pessoas que percebia como mais fracas, mas ocasionalmente as próprias amigas.

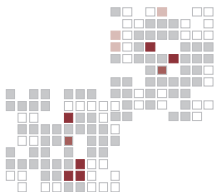
Mas é em *Glee* que tal fenômeno se mostra de forma mais cotidiana e integrada a uma estrutura escolar. Embora o *bullying* seja violento e sistêmico na vida dos personagens, acompanhado por agressões físicas, e reconhecido pelo sistema escolar, nenhuma fonte de autoridade, seja na escola ou família toma atitude a respeito. O único momento em que a escola tenta (sem sucesso) tomar controle da situação é quando um dos protagonistas é ameaçado de morte por motivos homofóbicos. O *bullying*, assim como as outras questões que afetam os jovens de *Glee*, é um problema que fica entre os alunos e cabe a eles resolverem.

O paradoxo que a sociedade e comunidade escolar apresentam aos jovens em *Glee* é que ao mesmo tempo em que eles são confrontados a não deixarem ser dominados pelas diversas formas de violência que sofrem, espera-se também que eles aceitem as agressões como parte do mundo em que vivem. Isto está diretamente relacionado à mensagem geral da série de que a auto aceitação lhe dá força para enfrentar um mundo hostil. No entanto, também normaliza a opressão. Em nenhuma outra das séries analisadas o problema do *bullying* é tão discutido quanto em *Glee*, o que

certamente mostra a importância social que o tema tomou nos últimos anos, e faz parte de um conteúdo pedagógico a que o programa se propõe. O *bullying* nesta série é visto como parte de um problema social de intolerância à diferença. Como os jovens do grupo de protagonistas são todos considerados diferentes, por um motivo ou outro, eles estão particularmente expostos a isso. O programa apresenta diversas ocasiões em que a intolerância é causa de *bullying*, e o comprometimento do programa com uma mensagem de aceitação é um de seus maiores trunfos. Porém, ao analisar mais detalhadamente como a temática aparece na narrativa, percebe-se que o *bullying* é resultado direto do desempoderamento social dos jovens que o praticam. Os personagens adolescentes que mais praticam *bullying* são exatamente aqueles que não conseguem lidar com a falta de poder que têm sobre suas vidas.

Esta ligação de *bullying* com desempoderamento faz-se presente também em *BTVS* e *PLL*, os três programas entre os analisados que tematizam a questão. Em *BTVS* a dicotomia juvenil simplista de que ou você oprime sendo um *bully* ou é oprimido, sofrendo *bullying* é usada por diversos personagens no decorrer do programa (Cover, 2005). Em *PLL*, novamente, esta ligação é nítida. A instabilidade do ambiente familiar e social de Alison (constantemente agredida e objetificada) faz a garota ansiar por controlar os outros a sua volta. Após ser presa por um crime que não cometeu ela reflete sobre suas ações e pede desculpas a uma amiga:

Quando cheguei aqui, eu ficava pensando, 'Como isso aconteceu? O que eu fiz pra merecer isso?' Eu achava mesmo que estava ajudando vocês. Dizendo pra vocês o que vestir, de quem gostar. E quando pararam de ouvir, eu encontrei outras pessoas para isso. Aqui? Ninguém me ouve. Eu não posso nem decidir o que vestir, o que comer... quando tomar banho. Tudo é decidido por



*mim. E tudo é uma ordem. Eu nunca percebi como era ruim, estar do outro lado disso. Então eu sinto muito.*⁶

É bastante revelador da sensação de impotência dos personagens, que o discurso da garota sobre a prisão pareça ter tanto em comum com a experiência da adolescência e da própria vida escolar. Muitos dos casos citados são exemplos extremos em relação à violência moral entre os adolescentes, porém a relação entre a hierarquia escolar, *bullying* e desempoderamento juvenil é central naqueles programas que aprofundam o tema. Ainda que personagens e a própria narrativa dos programas não mostrem, necessariamente, uma consciência desta implicação – como mencionado acima, *Glee* limita a causalidade do *bullying* à falta de aceitação social das diferenças e diversidade. Obviamente, isto não significa que o desempoderamento seja a única causa de *bullying* ou mesmo do sistema hierárquico escolar, tanto na sociedade quanto na forma de ser apresentadas nos *teen dramas*. Embora Milner (2006) relacione o desempoderamento juvenil como um fator essencial para a centralidade do status para os adolescentes, o autor também aponta a importância do consumismo neste sistema de *status*, questão que é praticamente ignorada nestes seriados, embora eles tenham um papel ativo nesta demanda por consumo, como é documentado na associação de tais programas a *merchandising* e *marketing* (ver Brooker, 2001; Bindig, 2008).

Vale ainda destacar que a mídia tende a privilegiar a representação de sistemas hierárquicos mais tradicionais, enquanto Milner (2006) alerta para a existência de uma variação na importância de tal sistema, dependendo do contexto de cada escola ou comunidade. A pluralidade de estilos de vida, geralmente presentes em escolas de maior porte, é um dos fatores que leva a uma diminuição da centralidade do status, conforme aponta o autor.

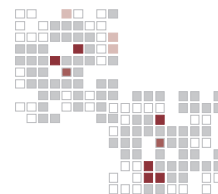
A partir disto chegamos a uma reflexão sobre o desempoderamento gerado pela estrutura escolar e a condição adolescente retratada nas séries como uma alusão a uma “panela de pressão”: a escola é um espaço onde jovens são colocados para, entre outras coisas, aprenderem a seguir regras (sejam institucionais, sejam sociais). Tais regras pouco se preocupam com as inclinações ou o desejo individual, mas são generalizantes e ambíguas. Com pouca maturidade para lidar com tais arbitrariedades, formas “alternativas” de conquistar algum tipo de poder, que refletem valores importantes da cultura em que estão inseridos, geram tal sistema de agressividade. Embora os seriados consigam endereçar a tais questões, eles não conseguem fugir da dicotomia “vencedores/perdedores”, arraigado no centro de tal cultura.

Considerações finais

Através da análise exposta podemos ver que a escola, como principal contato que o adolescente tem com o mundo exterior, toma dele suas características. Se a sociedade que se apresenta para estes jovens parece ser injusta e arbitrária, a escola como um todo aparece como instrumento de reprodução de tais injustiças e arbitrariedades.

Neste sentido é *BH90210* que mais se diferencia do restante dos programas na relação entre os adolescentes e escola. Isto é, quando de seu funcionamento “adequado”, a escola consegue suprir o que dela se espera e ser um ambiente institucional e social baseado em preceitos equilibrados, onde é dada a todos os seus alunos oportunidade de aprender acadêmica e pessoalmente, ao contrário dos outros seriados. Esse destaque de *BH90210* mostra uma mudança de valores culturais e de enfoque de mercado entre início da década de 1990 e a partir do final da mesma década. Questionar a escola em seus métodos e como estrutura que tolera a agressividade passa a ser mais condizente com a identidade adolescente que vai sendo apresentada nestes seriados.

⁶ 5x21, *Bloody Hell*, Maya Goldsmith.



Os *teen dramas* apresentam, de forma geral, escolas predominantemente frequentadas por jovens brancos e de classe média-alta. Estas escolas não enfrentam em sua maioria problemas de investimento, mantem-se imunes à criminalidade e diversos outros desafios causados por sucessivas políticas de preterimento econômico do ensino (Kellner, 2014; Thomas, 2014). *Glee* é o único que endereça fatores socioeconômicos na manutenção do ensino, mas mesmo esta reflexão termina por afetar muito pouco seus protagonistas.

Ao relegar questões socioeconômicas da educação, os programas acabam se centrando em críticas um tanto vagas sobre o “sistema”. Isto é, ao mesmo tempo em que apontam o autoritarismo, abstêm-se a uma reflexão sobre as estruturas de poder nas instituições escolares. Enquanto questionam o sistema de *status* e sua crueldade, apresentam jovens que constantemente são recompensados, de uma forma ou outra, por tal sistema. Tais críticas, que se aproximam muito de uma percepção juvenil de aborrecimento com as obrigações escolares, podem ser lidas precisamente através deste viés juvenil, já mencionado, das narrativas. Uma leitura adicional, porém, é a de manutenção de valores sociais correntes: não somente uma opção por não problematizar questões político-econômicas em relação à educação, mas uma dispensa a críticas mais substanciais em relação à estrutura tradicional de escola, de forma a não desafiar valores sociais atuantes. Como a mídia voltada a adolescentes tende a ser vinculada a uma suposta responsabilidade frente aos valores que passam para seu público (Davis; Dickinson, 2004), a educação formal precisa ser altamente valorizada.

Mais importante nas narrativas do que a parte educacional da escola é a sociabilidade que ela permite. Os jovens do grupo de protagonistas são, em sua maioria, claramente definidos como “diferentes”, seja por escolha, seja por estigma. É recorrente na bibliografia sobre seriados *teen*

a ideia de separação, alienação – no sentido de alienígena, extraterreno – dos adolescentes, para com o resto da sociedade (Rutherford, 2004; Badmington, 2004). O exilado adolescente, que encontra um sentimento de comunidade com outras figuras também marginais ao centro da sociedade, é também um recurso comum nos seriados deste gênero. Personagens que, uma vez parte do centro social, e agora periféricos a este, conseguem ver aspectos da sociedade e de seu próprio comportamento anterior de forma diferente dos demais (Bolte, 2008).

A grande característica que marca as relações entre protagonistas e seus pares é a identificação através da diferença. Esta diferença é bastante explorada discursiva e simbolicamente. Mais do que qualquer estigma de exclusão, que muitos dos protagonistas carregam, eles são diferentes principalmente por verem-se como diferentes. Reguillo (2007, p. 41, tradução nossa) observa a diferença em relação ao “exterior” nos estudos sobre a juventude.

Um tema recorrente nos estudos sobre a juventude, (...) é a “outridade”, ou “o outro”, para fazer referência – quase sempre – ao “antagonista”, ou “alteridade radical”, que outorga mais além das diferenças, por exemplo socioeconômicas ou regionais, um sentimento de pertencimento a um “nós”. A identidade é centralmente uma categoria de caráter relacional (identidade-diferença). Todos os grupos sociais tendem a instaurar sua própria alteridade.

Para Woodward (2011), esta identidade na diferença pode ser positiva e celebrada com os amigos, formando um sentido de comunidade, mas também pode refletir negativamente nas questões de *status* e exclusão escolar. Uma das problemáticas levantadas por tal tema é a normalização e consequente hierarquização das identidades no ambiente escolar. Conforme propõe Tomaz Tadeu da Silva, “Aquilo que é deixado de fora, é

sempre parte da definição e da constituição do ‘dentro’” (2011, p. 84), o que abre espaço para os abusos morais ou físicos que podem ser infringidos por aqueles de ‘dentro’. Ou seja, aqueles cuja identidade é considerada não somente “normal”, mas suficiente, daqueles que são taxados como diferentes, ou insuficientemente “normais”.

Embora, conforme vimos, o *bullying* e o *status* escolar nos seriados reflita o desempoderamento dos personagens, o que confirma Milner (2006) a respeito da falta de poder social dos adolescentes, como um motivador para a centralidade do sistema de status, é relevante também apontar contra quem esta violência gerada pelo desempoderamento termina se voltando. Ela se volta contra aqueles que são tomados como diferentes. Por isso, apesar das nuances que a hierarquização das identidades no ambiente escolar possa tomar, não se pode separá-la também da afirmação de uma normatização de identidades.

Glee deixa clara tal conexão entre a diferença e o *status*, no entanto mantém uma individualização de tal problema. A postura do programa, que conforme mencionado anteriormente, normaliza a violência do *bullying* e da hierarquização, vai ao encontro de um discurso anti-*bullying* contemporâneo que individualiza e limita tal problema aos “pátios escolares” (sugerindo que pouco pode ser feito para mudar tal situação). Carlson (2014) aponta como campanhas, tais como o projeto “*It*

Gets Better”⁷, citado mais de uma vez em *Glee*, apesar de alguns pontos positivos, não endereçam as reais causas do *bullying*, especialmente contra os homossexuais, reforçando um velho discurso em torno da vitimização. É especialmente preocupante, pois se em muitas instâncias o *bullying* é confinado a um estágio de desenvolvimento, as consequências sociais da normalização da agressão à diferença, não o são.

Em sua proposta de não generalizar os adolescentes dentro daquilo que é sobre eles dito (política, sociológica ou mesmo midiaticamente), os *teen drama*, tendem a identificar seus protagonistas como “ilhas” de diferença dentro de grupos homogêneos próximos a modelos geracionais genéricos. Se não existe uma postura uniformizada a respeito da “escola” nos seriados analisados, o que se uniformiza é o entendimento de que este é sempre um espaço difícil, particularmente para estes alunos que não se identificam com tal padrão. Criticar a escola, porém posicionando-a como um “mal necessário”, parece ser a alternativa encontrada na impossibilidade seja econômica, seja cultural de engajar os jovens em uma crítica social a seu respeito.

7 A campanha *It Gets Better* foi criada em 2010 pelo ativista Dan Savage como reação a uma onda de suicídios de jovens homossexuais, e parte de uma série de vídeos de personalidades LGBTs e simpatizantes da causa, afirmando que se os jovens “aguentassem” os difíceis anos da infância e adolescência, tudo melhoraria, pois o *bullying* é um estágio confinado aos anos escolares. Maiores informações sobre a campanha disponível em (em inglês): <http://www.itgetsbetter.org/>

REFERÊNCIAS

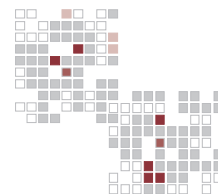
BADMINGTON, Neil. Roswell High, Alien chic and the In/human. IN: DAVIS, Glyn; DICKINSON, Kay (Orgs). **Teen TV: Genre, consumption and identity**. London: Palgrave MacMillan, 2004.

BINDIG, Lori. **Dawson’s Creek: a critical understanding**. Plymouth: Lexington Books, 2008.

BOLTE, Carolyn. “Normal is the watchword”: exiling cultural

anxieties and redefining desire from the margins. IN: ROSS, Sharon Marie; STEIN, Louisa Ellen. **Teen television: essays on programming and fandom**. Jefferson: McFarland, 2008.

BROOKER, Will. Living on *Dawson’s Creek* Teen viewers, cultural convergence, and television overflow. **International Journal of Cultural Studies**, Londres, v. 4, n. 4; pp. 456–472, 2007. Disponível em:



<http://ics.sagepub.com/content/4/4/456>. Acessado em: novembro, 2012.

CARLSON, Dennis. 'It gets better' Queer youth and the history of the "Problem of the homosexual" in public education. In: IBRAHIM, Awad; STEINBERG, Shirley R (Ed.). **Critical youth studies reader**. New York: Peter Lang, 2014.

COUTINHO, Lúcia Loner. **A vida adolescente levada a sério: identidade teen e**

cultura das séries. Tese (Doutorado em Comunicação Social) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 276 p., 2016. Disponível em: <http://primo-pmtna01.hosted.exlibrisgroup.com/PUC01:Acervo da Biblioteca:puc01000480061> Acesso em: 15/10/2016.

COVER, Rob. 'Not to Be Toyed With': Drug Addiction, Bullying and Self-empowerment in Buffy the Vampire Slayer. **Continuum: Journal of Media & Cultural Studies**, 19:1, 85-101, 2005.

DAVIS, Glyn; DICKINSON, Kay. Introduction. IN: DAVIS, Glyn; DICKINSON, Kay (Orgs). **Teen TV: Genre, consumption and identity**. London: Palgrave MacMillan, 2004.

ESQUENAZI, Jean Pierre. **As Séries Televisivas**. Edições Texto & Grafia: Lisboa, 2011.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru. EDUSC, 2001.

KELLNER, Douglas. Toward a critical theory of youth. In: IBRAHIM, Awad; STEINBERG, Shirley R (Ed.). **Critical youth studies reader**. New York: Peter Lang, 2014.

MILNER JR., Murray. **Freaks, geeks and cool kids: American teenagers, schools and the culture of consumption**. New York: Routledge, 2006.

MITTELL, Jason. **Complex TV: The Poetics of Contemporary Television Storytelling**, pre-publication edition (MediaCommons Press, 2012-13). Disponível em: <http://mcpres.media-commons.org/complextelevision/> Acesso em: 10/09/2014.

REGUILLO, Rossana. **Emergencia de culturas juveniles – estrategias del desencanto**. Bogotá: Cultura Libre, 2007.

RUTHERFORD, Leonie. Teen futures: Discourses of alienation, the social and technology in Australian Science-fiction television series. IN: DAVIS, Glyn; DICKINSON, Kay (Orgs). **Teen TV: Genre, consumption and identity**. London: Palgrave MacMillan, 2004.

SILVA, Marcel Vieira Barreto. Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. **XXII Encontro Anual da Compós**. Salvador, 2013

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

THOMAS, P.L. Schools as prisons: normative youth pedagogies. In: IBRAHIM, Awad; STEINBERG, Shirley R (Ed.). **Critical youth studies reader**. New York: Peter Lang, 2014. pp 461-472

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

BEVERLY Hills, 90210, temp. 1-10

STAR, Darren; SPELLING, Aaron; VINCENT, E. Duke. Produção de Aaron Spelling, E. Duke Vincent, Charles Rosin, Darren Star, Steve Wasserman, Jessica Klein, Estados Unidos, 1990-1999 (45 min. aprox.)

BUFFY, the vampire slayer. Temp. 1-7

WHEDON, Joss. Produção de Joss Whedon, David Greenwalt, Marti N

DAWSON'S Creek. Temp. 1-6

WILLIAMSON, Kevin. Produção de Tom Kapinos, Greg Prange, Paul Stupin, Kevin Williamson, Estados Unidos, 1998-2003.

GLEE, temp. 1-6

MURPHY, Ryan; FALCHUCK, Brad; BRENNAN, Ian. Produção de Ryan Murphy, Brad Falchuk, Dante Di Loreto, Ian Brennan, Russel Friend, Garrett Lerner, Bradley Buecker, Estados Unidos, 2009-2015.

PRETTY Little Liars, temp. 1-6

KING, I. Marlene. Produção de Leslie Morgenstein, I. Marlene King, Oliver Goldstick, Maya Goldsmith, Joseph Dougherty, Bob Levy. Estados Unidos, 2010-2017.

